

Resenha crítica do livro: HALL, Stuart. *Identidades Culturais na Pós-modernidade*. Tradução: SILVA, Tomaz Tadeu; LOURO, Guacira Lopes. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

Jacqueline Ramos<sup>1</sup>

Buscando esclarecer melhor os questionamentos sobre o sujeito do século XXI e os conflitos de identidade existentes no mundo moderno, Stuart Hall apresenta seu livro intitulado *Identidades Culturais na Pós-modernidade*, sendo este dividido em seis capítulos que se destinam a explorar algumas das questões sobre a identidade cultural no mundo contemporâneo e avaliar se existe uma *crise de identidade*, bem como avaliar em que ela consiste e em que direção está indo. O livro parte da afirmação de que “as identidades modernas estão sendo “descentradas”, isto é, deslocadas ou fragmentadas” (p.8), e tem como propósito explorar esta afirmação vendo o que implica dizê-la, qualificando-a e discutindo suas prováveis conseqüências.

No primeiro capítulo, talvez o mais importante deles, Hall define o termo “crise de identidade” e trabalha o impacto do fenômeno de descentramento apoiado em três concepções de identidade do sujeito por ele apresentadas, sendo essas baseadas na teoria social, que discute a relação entre velhas e novas identidades, de forma que as últimas surgem para desestabilizar o Homem moderno, gerando dessa forma o que ele chama de “crise de identidade”.

Desse modo, Hall trata das mudanças no conceito de identidade e sujeito, decorrentes de um possível deslocamento ou descentração do sujeito devido à perda de um sentido de si, tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo, o que pode acarretar na crise de identidade.

Além dessas mudanças, Hall leva o leitor a pensar a respeito do conceito de identidade nacional, um dos mais importantes do livro por tratar das questões que fazem com que o sujeito se sinta pertencente à própria cultura, posto que a nação seja tida como um sistema de representação cultural e a identidade, por sua vez, seja moldada pela cultura e constituída através dos cinco elementos citados pelo autor no segundo capítulo: narrativa da nação; ênfase na tradição, origens, continuidade, intemporalidade; invenção da tradição; mito fundacional; idéia de um povo puro, original.

Porém, não estando esses elementos presos a um todo imutável e delimitado, as identidades e, conseqüentemente, as estruturas sociais sofrem mudanças evolucionárias, sendo constantemente deslocadas por forças externas, às quais recebem o nome de *globalização*, que será trabalhada por Hall no quarto capítulo do livro.

“Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma com que o sujeito é interpelado ou representado, a identificação torna-se politizada, constituindo uma mudança da política de identidade para a política de diferença” (p.22).

Baseado nessa política de identificação, Hall cita um caso ocorrido no governo dos Estados Unidos, durante o julgamento de Bush em 1991, quando as várias identidades presentes interferiram na escolha da população no sentido de apoiar ou não a decisão do juiz, tendo sido escolhido um juiz negro, porém de visões políticas conservadoras e com um agravante de uma acusação de assédio sexual, causando muita polêmica no julgamento. Isso porque os brancos poderiam não apoiar o juiz por ele ser negro, porém poderiam o fazer por ele ser conservador, já os negros o apoiariam por ele ser negro, porém poderiam não apoiá-lo por ele ser conservador. Em suma, o que se observa é o jogo das identidades, o que poderíamos chamar de política da diferença.

Assim, o processo da vida moderna está centrado no coletivo, sendo as sociedades do mundo contemporâneo caracterizadas pela diferença, principalmente cultural, dando-se certa ênfase ao conceito de tradução, que consiste em tentar fazer com que a cultura se inove dentro da tradição.

No segundo capítulo, Hall preocupa-se em traçar os estágios através dos quais uma versão particular do sujeito humano emergiu pela primeira vez na idade moderna, como adquiriu uma definição mais sociológica ou interativa, centrando-se em concepções mutantes desse sujeito a fim de conceituar o sujeito pós-moderno de forma mais sociológica ou interativa, levando em conta as noções de individualidade do sujeito contemporâneo.

Assim, propõe três concepções de sujeito: sujeito cartesiano (Descartes); sujeito interacional (Marx) e sujeito racional (Freud, Lacan, Foucault, movimento feminista, etc). O sujeito racional apóia-se em aspectos de arquétipos sociais universais, ou seja, o lado social.

Hall observa que a identidade é algo formado através de processos inconscientes, e que o sujeito não nasce com ela, mas a forma ao longo do tempo. Por esta razão, em vez de falar em identidade como um processo acabado, deveríamos falar em identificação, e sempre

tratá-la como um processo em andamento. Tal observação explica a sugestão de mudança de foco da política de identidade para a política de identificação.

O terceiro e o quarto capítulo estão intimamente relacionados, pois é quase impossível separar a cultura nacional do poder da cultura do mundo globalizado. Quanto mais expostas às influências externas, mais difícil é a tarefa de conservar as identidades culturais intactas e livres da influência inevitável do mundo global, que produz cada vez mais, simultaneamente, novas identificações globais e novas identificações locais:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades, dentre as quais parece possível fazer uma escolha (Hall, 1997, p. 80).

Assim, Hall reafirma a importância da identidade nacional para que o sujeito se sinta pertencente à comunidade em que nasceu, e como essas mudanças, frutos do processo de globalização, têm afetado e fragmentado a identidade do sujeito no mundo pós-moderno.

Neste processo, destacam-se cinco elementos necessários para a construção de um senso comum sobre a identidade da nação: narrativa da nação; ênfase na tradição, origens, continuidade, intemporalidade; invenção da tradição; mito fundacional; idéia de um povo puro, original. Esses elementos constroem o sujeito, tornando os significados culturais parte dele, e através da nação, que é um sistema de representação cultural, o sujeito constrói sua identidade nacional a partir da interação entre o eu e a sociedade, gerando uma comunidade imaginária que faz com que ele se sinta pertencente à própria cultura.

Seguindo nessa linha, Hall expõe no quinto capítulo as preocupações com a homogeneização cultural, considerando as identidades locais e globais e afirmando ser a globalização não algo capaz de destruir as identidades nacionais, mas um meio de produzir, simultaneamente, novas identificações globais e novas identificações locais.

Apesar de a cultura abranger vários níveis da sociedade, “a proliferação das escolhas de identidade é mais ampla no centro do sistema global que nas periferias” (p.85). Assim, a periferia não se sente tão globalizada, pois, a inclusão social se dar mais efetivamente nos centros, mas ela também sofre o efeito pluralizador da globalização, embora em um ritmo mais lento e desigual.

O sexto capítulo ocupa-se basicamente desse processo híbrido, de misturas e transformações que as sociedades vêm sofrendo ao longo do processo global, sendo estruturalmente pautado pela repercussão do polêmico livro de Salman Rushdie, intitulado *Versos Satânicos*, que provocou inquietações ao mergulhar na cultura islâmica.

Caminhando para a conclusão, segundo Hall, ao passo que as identidades culturais não são fixas e estão em constante transição, as pessoas que mantêm vínculos culturais com uma ou mais culturas, além daquela em que nasceram, precisam manter também seus costumes e tradições negociando seus valores com as novas culturas em que foram inseridas sem necessariamente pertencer a elas. Portanto, carregam os traços culturais e as tradições, mas não os unifica à cultura em que se inseriram, sendo, assim, obrigadas a traduzir suas tradições e a negociar entre elas.

Hall, assim, conclui seu livro mostrando que o hibridismo cultural pode representar uma tradução da tradição. Apesar de algumas pessoas defenderem que este hibridismo possa ser um elemento perigoso devido ao seu relativismo e sua “dupla consciência” (grifo do autor), outras defendem que ele pode ser uma poderosa fonte criadora de novas formas de cultura, mais apropriadas ao mundo do século XXI.

## NOTA

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela Universidade Federal de Alagoas.